

Faculdades Integradas IPEP
Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos
Programa de Educação Policial Continuado

Rogério Antonio da Costa Piva

**TREINAMENTO DE CÃO DE GUARDA E PROTEÇÃO NA
PENITENCIÁRIA DE RIOLÂNDIA/SP**

Votuporanga

2024

Rogério Antonio da Costa Piva

**TREINAMENTO DE CÃO DE GUARDA E PROTEÇÃO NA
PENITENCIÁRIA DE RIOLÂNDIA/SP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos – CESDH como requisito para formação no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Cinotecnia Policial – Projeto K9.

Coordenador: Prof. Dr. Eduardo Cava Leanza

Votuporanga

2024

Resumo:

Em uma penitenciária de segurança máxima estão aprisionadas centenas de homens que passam boa parte do tempo em atividade física de força e resistência com a eminência vontade de subversividade ou fuga. A junção disso está na dificuldade em controlar tal ações de indisciplina seguindo os parâmetros do cotidiano da rotina na prisão no período da normalidade. O mecanismo acionado nestas situações é o emprego do GIR (Grupo de Intervenção Rápida) e o Canil. O emprego de cães no controle de distúrbios nas prisões é indispensável dada a observação da resposta que o presidiário fornece quando se depara com um cão emitindo sons de latidos. O efeito psicológico de procurar o apaziguamento é quase instantâneo. E quando isso não é possível o conjunto das equipes conseguiram até a presente data equacionar os atos disciplinares em sua totalidade na última década. Os desafios se dão na formação destes cães para o pronto emprego por conta da falta e dificuldade de servidores com aptidão para treinar ou aperfeiçoar os ensinamentos. Nestas condições a formação do cão de guarda e proteção da penitenciária de Riolândia e região acontece sem a presença do figurante para os treinos de ataque e defesa.

Palavras-chave: Cinotécnico. Cão. GIR. Guarda e proteção.

Abstract:

Hundreds of men are imprisoned in a maximum security penitentiary who spend much of their time in physical activity involving strength and resistance with the imminent desire for subversiveness or escape. The combination of this is the difficulty in controlling such indiscipline actions following the parameters of the daily routine in prison during the period of normality. The mechanism used in these situations is the use of the GIR (Rapid Intervention Group) and the Kennel. The use of dogs in riot control in prisons is essential given the observation of the response that the prisoner provides when faced with a dog making barking sounds. The psychological effect of seeking appeasement is almost instantaneous. And when this is not possible, all the

teams have managed to address all the undisciplined acts in the last decade. The challenges arise in training these dogs for ready employment due to the lack and difficulty of employees with the ability to train or improve their teachings. Under these conditions, the training of the guard dog and protection of the Riolândia penitentiary and region takes place without the presence of the helper for attack and defense training.

1 Introdução

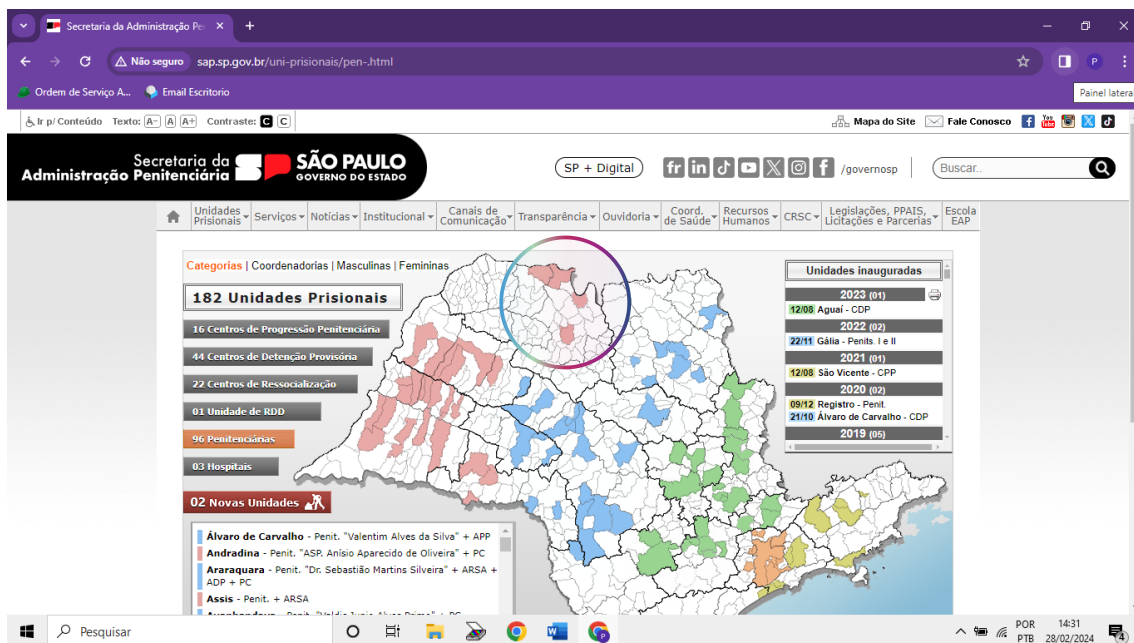
Já de milhares de anos atrás percebia-se a lealdade dos cães perante sua matilha e demais espécies que com ele se relacionassem durante o período de formação do cão no tocante aos cuidados físicos e alimentares. Não é importante que isto tenha sido construído com Homens de Neandertal, tribos de nômades da Pré-História e demais gerações avante, são os registros deixados que despertaram o desenvolvimento de atuações com nosso cão hodierno (TAUSZ, 2002). Para os dias atuais, essa naturalidade de um comportamento agressivo em muitos cães deu a ele o “status” de guardião. Coube então ao ser humano direcionar essa agressividade e essa proteção naquilo que necessitava em cada situação do cotidiano da sociedade. Neste sentido o presente artigo, vai demonstrar a inserção de uma atividade conhecida pelo especialista da área como guarda e proteção, mas que apresentada diretamente em atender uma demanda específica e em situação específica, canalizando assim os anseios para situações de motins e rebeliões que infelizmente estão presentes nas unidades prisionais.

A parte humana deste binômio que atua nas prisões atualmente é o policial penal, garantidores do funcionamento da normalidade das instituições prisionais. O policial penal desempenha uma função de alto risco, haja vista o contato direto com detentos e exposição à condições adversas e estressantes (Bonez *et al*, 2013). Segundo Siqueira *et al.* (2017), o agente penitenciário, como também é conhecido, está sujeito à sua rotina, agressões físicas e verbais, intimidações e a possibilidade de rebeliões. Na sua atuação, permeando as regras informais e formais, as relações

constituídas em meio aos conflitos, ameaças e riscos dão sentido à busca pela sensação de segurança dentro e fora das prisões, graças ao viés policaresco, mas que por outro lado, a atuação é por vezes pessoalizado por uma questão racional. Essa é uma das situações que moldam a identidade desses agentes que qualifica a edificação das prisões como instituição de controle (Nascimento, 2022).

No contexto prisional atribui-se ao policial penal acumular diversas funções, Martins & Dias salienta também que este policial é intermediador das inúmeras atividades ligadas aos presos, o acesso ou não aos bens e serviços, suas saídas e entradas, o contato com familiares. Argumenta-se a responsabilidade da experiência de aprisionamento que o infrator terá em nível psicológico: “humano, indiferente ou brutal”.

Justificando a utilidade do cão de serviço no sistema prisional paulista é apresentado aqui um recorte da situação na região noroeste do estado de São Paulo. Até a data 26 de fevereiro de 2024 o total de pessoas privada de liberdade no estado era de 199.516 presos, sendo deste, 1.384 presos na Penitenciária “João Batista de Santana”, cidade de Riolândia/SP, localizada na fronteira com o estado de Minas Gerais à 572Km da Capital. Considerando ainda as unidades prisionais vizinhas no raio de 130 Km que não possuem um canil em suas estruturas somam-se 4.230 (SAP, 2024). Embora o desempenho deste canil seja para a unidade em que está locada, existem as solicitações de apoio para toda a região.



Fonte: SAP

O sistema penitenciário brasileiro é um assunto dinâmico e com a sociedade inserida nas discussões do tratamento penal, direitos humanos e à ordem e disciplina (Alves & Gonçalves, 2023). Dinâmica também deve ser a atuação do agente prisional a contentar as partes envolvidas neste contexto, para tanto o uso do cão no ambiente prisional oferece vários eixos de serventia, não só para guarda e proteção aqui elencada, mas também na busca por fugitivos e entorpecentes e até em programa de ressocialização. Para nomear os eixos de serventia do cão de trabalho no presídio, listamos e definimos os cães de intervenção, detecção, busca e captura, guarda de perímetro e interação social, este em menor uso.

Na penitenciária de Riolândia, usualmente os trabalhos de intervenção são considerados mais essenciais para o dia a dia devido as circunstâncias que o leva ao pronto emprego em momentos de conflito ou crise, sendo que as demais atuações podem até serem planejadas com calma e escolher o tempo e a estratégia adequado. A raça utilizada para esses trabalhos é o Pastor Belga de Malinóis, trata-se de um cão rústico que se habitua extremamente fácil em qualquer ambiente e clima. O “Malinoá” ou “Mali” como é conhecido se destaca também pelas excelentes medidas corporais, somando as características, dizemos que: a adaptabilidade, a energia e a treinabilidade titula esse cão em uma das melhores raça para o trabalho policial (CALDEIRA, 2018).

Dadas às inúmeras diversificações dos crimes e a desproporcionalidade dos números quantitativos dos presos que atribuem à cada tipo de crime, não obteve o estado condições de realizar uma completa separação da tipificação dos perfis dos delinquentes. O que faz o infrator de menor potencial conviver com delinquentes recorrentes e de uma periculosidade maior, assim cabendo ao policial penal esse desafio de implementar as ações regulatórias para manter a normalidade ou restabelecer uma disciplina falida. Nestas condições, para prevenir mediações mais táticas de conflitos, a ferramenta fundamental é a inibição e desencorajamento da rebeldia e tentativa de fuga dos prisioneiros através da demonstração de força preventiva, citando aqui como principal, a presença inibidora do cão de guarda e proteção somado com o Grupo de Intervenção Rápida (GIR), na qual a SAP (Secretaria de Administração Penitenciária) do Estado de São Paulo mantém esse agrupamento e como parte integrante os cães, desempenhando as atividades de detecção e controle de distúrbios internos (Soares, 2021).

Para que isso fosse real, o Estado de São Paulo legislou sobre o assunto a partir do Decreto do Governador nº 48.542, de 12 de março de 2004 que começou a implantar atividades relacionada com cães no sistema penitenciário paulista (ALESP, 2004). Apesar do texto salientar o adestramento para as devidas funções, os anos iniciais teve os moldes operantes com os cães empiricamente acrescentado na rotina da segurança, onde prevalecia cães de doação, geralmente com forte temperamento e de difícil controle. O que satisfazia era o cão ter a agressividade com o oponente apresentado e com os treinamentos de “pura luta”. E, somente em 2008, através da Resolução SAP-244 que vieram as primeiras normas, mas voltadas para administração e aspectos burocráticos.

Em outubro de 2020, entra em vigor a Resolução SAP-170, que reeditaria a anterior (244/2008), acrescentando as áreas de atuação e mais detalhes para condições ideais de temperamento e comportamento dos cães. O acréscimo de atuações se deu pelo emprego mais rotineiro do GIR (Grupo de Intervenção Rápida) e pelo sucesso dos trabalhos de faro de entorpecentes dentro e fora dos presídios. Para isso, obteve-se a possibilidade de realização de treinamentos de ambientação e socialização em locais urbanos e rurais alheios ao perímetro das unidades prisionais, requisito fundamental para o trabalho em ambiente aglomerado de pessoas e trabalho

de busca e captura. Outro acréscimo que a nova Resolução normatizou foi o trabalho também em prisões de regime semiaberto, o que não era permitido.

Fundamentando a evolução e seleção dos cães durante esse histórico de vinte anos, dadas as visões que se apresentava nas prisões, a principal atuação do cão era colocá-lo diante do condenado e impor a condição “*_não passe daqui, senão será mordido*”. O que dava uma suposta garantia dessa situação era a condição do selecionamento, adquiria-se através de doação um cão extremamente dominante com histórico de agressividade, leia-se um cão não socializado, conquistava a confiança e aplicava contra o indivíduo preso. FERREIRA & SAMPAIO (2010), corrobora bem simples em sua definição de causa da agressividade em cães, salientado que estado de intranquilidade, ansiedade, excitabilidade associado principalmente à falta de exploração dos ambientes e interação social desencadeia à uma agressividade despropositada. Nestas condições, o trabalho isolava-se no binômio pois o risco de acidente com mordidas no corpo funcional era rotineiro. Neste período, o policial penal operava com o cão pelo seu manejo arrojado em enfrentar a repulsa do cão adotado e ganhar a confiança direcionando a agressividade para situações de enfrentamento com o preso, seja na guarda ou proteção territorial.

O que acontece então devido a essa predisposição de a priori conseguir se aproximar de cães agressivos é um despertar para a busca de conhecimento dentro da cinofilia. Assim foi se desfazendo dessas técnicas descontroladas e entender que a agressividade pode ser adquirida, alcançando a possibilidade de periciar essa construção de maneira a orquestrar os movimentos do cão para ter uma melhor performance através dos reforçadores (técnicas de adestramento). Tal performasse se realiza por ocasião da agressividade ser um elemento de manutenção social, seja ela em qualquer animal e não só individualmente, mas no interesse entre os indivíduos. As reações como ameaça, ataque e fuga soam como pilares para que o humano ritualiza o comportamento agressivo do cão (AYROSA, 2021).

Diante deste passo inicial para introdução de cães nas unidades prisionais do Estado de São Paulo é que se pode gerenciar a manutenção da agressividade no plantel canino. MORAIS (2014), contribuiu em sua obra manifestando que o temperamento é influenciado pela genética exercendo um importante papel na manifestação comportamental, o que veio ocorrer com os atuais cães da SAP (Secretaria da Administração Penitenciária). Tausz (2002) se posiciona que ao chegar

a quarta geração respeitando os critérios das escolhas das matrizes dentro da mesma filosofia de criação, os exemplares terão agressividade na sua quase totalidade. Hoje os cães se destacam, visto que a genética prevaleceu e fortaleceu, contudo o aprimoramento das técnicas de adestramento também se profissionalizara através da busca por conhecimentos práticos/científicos e as trocas de experiências entre as unidades prisionais.

2 Materiais e métodos

Nesta atividade de guarda e proteção, a obediência foi consolidada através do relacionamento cotidiano entre o binômio, ou seja, o grau de exigência para exercícios mecanizado e estéticos não foram requisitos prioritários e puderam ter o condicionamento ao longo da relação, pois o que se buscava no indivíduo cão é a captura de um comportamento que pudesse despertar uma agressividade diante de um ambiente apresentado em momentos com representatividade de fuga como ponto inicial. Haja vista que a expectativa deste indivíduo filhote seja um cão dominante devido a seleção genética, dominância caracterizada pela exibição da cabeça, orelhas e caudas levantadas (LOPES, 2002). A agressividade também pode ser estimulada por três fatores primordiais nos cães: instintos de caça, defesa e preservação da espécie associada com adestramento (TAUSZ, 2002).

Neste caso, o ambiente é descrito por uma área retangular de aproximadamente 800m² cercada no “U” por celas e na parte frontal três unidades de gradeamento com acesso progressivo entre eles. O que dá uma plena visão das movimentações dos detentos nas diversas interações entre eles, seja caminhando, exercitando e principalmente, o jogo de futebol, o maior estímulo de caça para o filhote absolver.

Nessa essência, o filhote adentra e observa, emite um comportamento de estar atento recebe o estímulo de recompensa associada com a retirada imediata de forma prazerosa ao cão como “corridinhas” e liberação de brinquedos. Não há repetição deste procedimento em sequência e nem no mesmo dia, desta forma ficará mais difícil

a customização por parte do cão com aquele ambiente e proporcionará uma evolução nos instintos de caça, naturalmente presente nos canídeos. Gradualmente, através de protocolos observatórios no cão filhote e nas movimentações do detento custodiado em seu ambiente vai se capturando o comportamento de imposição do cão perante aquele cenário. Um exemplo claro desta captura é quando um preso na sua atividade física corre no sentido contrário e o filhote emite sinais comportamentais de início da caça, mas que essa possibilidade não se consumará dada as barreiras físicas existente. O que vem a prevalecer com essa dinâmica ao longo do processo é a agressividade relacionada à possessividade, o cão se sente ameaçado na posse do objeto, pessoa ou lugar (CASTILHOS, 2007).

Com essa intencionalidade, aplica-se o condicionamento operante com a aprendizagem de tentativa inicial, que diz a partir da ocorrência do comportamento mesmo sendo aleatório, mas que condiz com a construção de um cão de guarda, acontece um reforço de imediato que resultará no aumento desse comportamento ocorrer. COSTA (2022), fundamenta a teoria do condicionamento operante definida Burrhus Frederic Skinner (psicólogo norte americano) como uma forma de aprendizagem através de reforço ou punição para que aconteça, desta maneira é possível estabelecer a repetição ao não para alcançar os comportamentos desejados usando esse condicionamento.

Conceituando que a aprendizagem é a transformação do comportamento frente à experiência do indivíduo, parte-se para a aprendizagem latente, processo em que o indivíduo recebe novas informações durante a exploração e modificação do ambiente. Na tese de SANTANA & BORBA (2015), esclarece que a ideia de aprendizagem latente foi formulada em 1920 e adaptada 1930 por Edward Chance Tolman (psicólogo norte americano) para modelar uma experiência que identifica um organismo que ao expor a uma situação problema, com uma pequena ou nenhuma recompensa, ainda assim ocorre aprendizagem, contrariando a teoria de Skinner que defendia o constante reforço.

Então, se para alcançar uma evolução na aprendizagem de um comportamento equilibradamente agressivo e sua aplicabilidade em diferentes requisitos que sofrem constantes mudanças temporais, ambientais e comportamentais do oponente, não é oportuno aplicar o reforço em cada etapa e sim construir um conjunto de ações

executada pelo cão para ser oferecido o reforçamento. Para que isto venha ocorrer, o tempo que o filhote estará exposto frente ao cenário do pavilhão que em média tem 250 homens em movimento vai aumentando e conseqüentemente sua resposta corporal tende ganhar mudanças para se impor, a percepção desta mudança deve ser sutil e mais uma vez estimulada e quando consolidada não terá o reforço/estímulo, pois se buscará a progressão da força/agressividade.

A formação deste processo tem a duração média de oito meses, quando o cão adolescente faz disparos de latidos, “_ *me solta que eu quero morder*”, isso ocorre desde o contato visual do cão mesmo à distância. Neste caso o reforçador será a mordida e disputas pelo equipamento (mordedor) adequado para idade do cão. Concomitante à esse processo, o cão adolescente terá passado bons momentos como o corpo funcional durante as idas e vindas dos treinamentos. Haja vista que da necessidade de que o cão não venha a ter reação agressiva com qualquer servidor da penitenciária, seja ele da equipe da saúde, administrativo, manutenção e tão pouco os operacionais. McConnell (2006) alerta para o período de socialização mais longo, que ultrapasse a adolescência do cão, necessitando assim de uma educação social até o primeiro ano de vida. Durante esse longo período para esse aprimoramento da socialização certamente o cão adolescente conhecerá pessoas e cães estranhos e com estes contatos dará mais chances de ser um cão mais confiante.

Uma outra particularidade da penitenciária de Rolândia é a deficiência de condutores aptos de cães de trabalho, mas com esse esquema de socialização incorporado acaba despertando a predisposição de eventuais atuações dos cães com trocas de binômio, tentando alcançar um menor prejuízo de desempenho nas operações de intervenções táticas quando o operador de cães estiver ausente.

Sendo o reforçador do comportamento de latido o mordedor, neste mecanismo já estará incorporado o comando verbal. Face lembrar que nos treinamentos do canil da penitenciária de Rolândia a pessoa do figurante (treinador que encena ações e rações para ajudar o cão morder e neutralizar o oponente) é ausente, situação que ao longo do tempo teve que ser adaptada, aprendida e consolidada.

Com o advento da passagem dos doze meses, período de contestação de cães porte grande e momento adequado para moldar seu caráter, pois o ex-filhote

possivelmente irá testar sua liderança (TAUSZ, 2002), o reforçamento de mordidas começará sendo modulado pela movimentação do braço através da vestimenta chamada '*manga*' e gradativamente aplicando força, pressão interna/externa e diversidade de movimentos, tudo isso autorizado somente através do comando verbal "rev" ao cão.

Assim, tendo o alvo para despertar a agressão, sabendo o momento para o ataque, tendo a mecânica para segurar e imobilizar o preso com a mordida claro, caso seja necessário e isso tudo acontecendo com as interações ambientais com alto nível de estresse estão previamente incorporados ao cão através dos treinos com a máxima aproximação do real. Para um treinador solo neste complexo processo é necessário um afinado estreitamento relacionamento para adquirir confiança, aspecto que garantirá a conexão para arrancar do cão o prazer de trabalhar para seu condutor. Uma tática que neste processo foi muito usada é atividade de moderadas caminhadas com distrações ao final do dia. Quando se quer treinar cães para determinada função toda preparação está embasa no comportamento brincalhão das maiorias das espécies mamíferas. É devido a esta predisposição que se tira ações qualitativas dos cães à favor do humano e precisamos que tais funções tenha evolução e durabilidade. Portanto, a qualidade e quantidade do tempo que se tem com os cães de trabalho favorece o fenômeno pedomorfismo, ou seja, a persistência das características juvenis mesmo na maturidade sexual dos indivíduos (McCONNELL, 2006).

3 Resultados e discussão

O trabalho de formar o cão protetor expõe o treinador à uma adrenalina extrema, para suportar essa carga é necessário um razoável vigor físico para suportar e ao mesmo tempo estimular a ganancia do cão em perseguir e abater a presa. Somado a isto, as intempéries climáticas também devem estar no rol protocolos de treinamento. Neste sentido, a região de atuação tem temperatura elevadas que podem alcançar facilmente 38°C (INMET, 2024). Da mesma forma devem existir os cuidados com os cães que tendem a exigir mais do seu condicionamento físico, além do "alerta" o latido intenso é primordial para os efeitos psicológico de demonstração de força em

um cenário interventor de tomada de pavilhão ou cela prisional, nestas atuações corre-se o iminente risco lesões em tecido moles e nas almofadas das patas, desidratação, fadiga e demais problemas gastrointestinais, musculares, esqueléticos e toxicológicos (ALVES, 2012 e BICCA, 2024).

Dada a condição irracional dos cães, o efeito amedrontador que o cão exerce perante qualquer pessoa em seu estado agressivo faz que muitos dos conflitos sejam evitados e até mesmo o manejo dos prisioneiros nos deslocamentos necessários na rotina da penitenciária se torna mais customizados e ordenado com poucos operacionais nas dependências da unidade prisional, uma realidade que assola o estado inteiro pelo baixo número de efetivo.

O acompanhamento dos operacionais na formação dos cães trouxe uma confiabilidade para a presença dos cães na rotina da penitenciária pois concomitante ao treinamento acontecia também a sociabilidade graças ao uso real do ambiente para a formação do canídeo, quebrando o paradigma existente outrora de que o cão mais atrapalhava do que ajudava devido os corriqueiros acidentes envolvendo mordidas dos cães no corpo funcional. Tendo esses policiais penais acompanhado o desenvolvimento de cada cão que hoje atua na penitenciária puderam se aproximar, acariciar e transmitir falas afetuosas. Desmitificado o medo, transmitindo indiferença ou liderança a grande chance de ter ao lado um cão equilibrado (MILLAN, 2008).

Se por um lado a operacionalidade do cão na penitenciária de Riolândia pode ser desenvolvido por outros condutores fora do binômio seja uma vantagem, é de se notar as diferenças de atuações é nítida, mas ao mesmo tempo compreensível. Essa diferença, entretanto, ainda não foi capaz de inutilizar a imponência do cão quando é acionado. É indispensável em qualquer intervenção de ordem pública o uso de equipe cinotécnica (FARINHA, 2011).

A utilização de todas as dependências nos treinamentos fez com que os cães se sentirem confortáveis em quaisquer ambientes, para onde for o deslocamento o cão consegue desenvolver os trabalhos satisfatoriamente. Pois bem, se além das atividades estressoras que o cão de presídio submete o conhecimento prévio do seu meio de ação através das rotinas de treinamento evitam a modificação do estado de equilíbrio físico, fisiológico e psicológico (CALDEIRA, 2018).

Conferindo que as peculiaridades são familiares em qualquer presídio do Estado de São Paulo os treinamentos desempenhados nos cães os tornaram aptos à atuarem em outros presídios. Não só a área física, mas também o protocolo de intervenção do GIR (Grupo de Intervenção Rápida) segue uniformes em qualquer chamado. E quando a ação vier as vias de fatos com uma concreta ocorrência de mordida, um comunicado de evento é formulado para apurar as causas e responsabilidades tanto do delinquente como do operador/condutor do cão.

4 Conclusão

O modelo de formação dos cães de guarda e proteção sem a importante presença o treinador/adestrador figurante da penitenciária de Riolândia apresentou-se satisfatório. Há de apresentar as dificuldades pertinentes a esse desafio, os questionamentos eram plausíveis: “*_se o cão morder o condutor? _como terá agressividade se treinou a mordida brincando?*” Diante destas preocupações a técnica de captura dos comportamentos em loco foi construindo no cão a vontade de ‘abater’ o oponente e para isso o prepara da qualidade da mordida ‘cheia’ nos treinamentos com o claro comando “_rev” (autorização para o cão atacar) foram capazes de neutralizar esses questionamentos.

É oportuno esclarecer que a pessoa do figurante em treinos de guarda e proteção é de suma importância e que com ele a formação do cão ganha outra magnitude, nesta situação é formada uma equipe de treinadores, o trabalho em equipe ganha eficiência. Se há nos presídios da região uma equipe de operacionais para impor a ordem e disciplina nas unidades quando solicitado, a carência está na ausência de uma equipe de cinotécnicos.

De qualquer forma, ganha a penitenciária de Riolândia que hoje pode contar com cães de guarda e proteção com um mínimo de recurso humano, não que seja uma medida de gestão de pessoal, a verdade dos fatos é por conta da aptidão e o déficit de servidores.

Referencias

ALESP – Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. **Decreto nº 48.542**. São Paulo, 2004. Recuperado em 07 mar. 2024, de <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2004/decreto-48542-12.03.2004.html#:~:text=Acrescenta%2C%20no%20%C3%A2mbito%20dos%20Centros,atribui%C3%A7%C3%B5es%20e%20compet%C3%A2ncias%20que%20especifica>

ALVES, D. V.; GONÇALVES, E. (2023). **O emprego de cães na malha de segurança penitenciária**. *Brazilian Journal of Development*. Recuperado em 10 fev. 2024, de <http://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/62413/44910>

ALVES, J. C. A. (2012). **Avaliação da condição física em cães de polícia**. *Universidade Técnica de Lisboa - ProQuest Dissertations Publishing*. Recuperado em 23 mar. 2024, de <https://proquest.com/openview/f898855705948f44367a5ee7f195b5cb/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss-y>

AYROSA, Fº, F. M. S. (2021). **Morfologia, ambiente e agressividade em cães domésticos (Canis familiaris)**. *Digital Library USP*. Recuperado em 09 mar. 2024, de https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-09042021-193616/publico/ayrosa_corrigida.pdf

BICCA, H. A. G.; MARQUES, S. M. T. (2024). **Bem estar para cães de trabalho de uma penitenciária no Rio Grande de Sul**. *Revista Agraria Academica*. Recuperado em 23 mar. 2024, de <https://agrariacad.com/wp-content/uploads/2024/03/Rev-Agr-Acad-v7-n1-2024-p20-31-Bem-estar-para-caes-de-trabalho-de-uma-peniteniaria-no-Rio-Grande-de-Sul.pdf>

BONEZ, A.; DAL MORO, E. M.; SEHNEM, S. B. (2013). **Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense**. *Psicologia Argumento*. Recuperado em 04 fev. 2024, de <http://www.periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20585/19829>

CALDEIRA, B. M. (2018). **Seleção de cães para o trabalho policial**. *UFVJM*. Recuperado em 23 mar. 2024, de <https://site.ufvjm.edu.br/ica/files/2019/05/TCC-20172-Bruna-Ranne-Mendes-Caldeira.pdf>

CASTILHOS, L. R. (2007). **Concentrações séricas de testosterona e agressividade em cães.** *Biblioteca Digital USP – Teses e Dissertações*. Recuperado em 20 mar. 2024, de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10131/tde-28022007-120713/publico/LilianRangeldeCastilhos.pdf>

COSTA, N. R. N. (2022). **Condicionamento operante como ferramenta de promoção de bem estar de animais em cativeiro.** *Repositório Institucional – UFRPE*. Recuperado em 20 mar. 2024, de https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/3402/1/tcc_nathalyrayananunesdaco sta.pdf

FARINHA, J. P. L. (2011). **Forças combinadas em ordem pública.** *Repositório Comum – Academia Militar – Lisboa*. Recuperado em 23 mar. 2024, de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8249/1/INF-219-Farinha.pdf>

FERRREIRA, S. A.; SAMPAIO, I. B. M. (2010). **Relação homem-animal e bem-estar do cão domiciliado.** *Archives of Veterinary Science*. Recuperado em 09 mar. 2024, de <https://core.ac.uk/reader/328069660>

GONÇALVES, M. A. L. (2002). **Cães de proteção e cães de condução de gado: aspectos de comportamento e de endocrinologia.** *Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ProQuest Dissertations Publishing*. Recuperado em 20 mar. 2024, de <https://proquest.com/openview/3ecd7a620f437e160c6d87e0dfcc0306/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>

INMET (2024). **Instituto Nacional de Meteorologia.** Recuperado em 23 mar. 2024, de <https://meteograma.inmet.gov.br/5300108/dinamico>

MARTINS, T. P.; DIAS, C. C. N. (2018). **A atuação do agente penitenciário como burocrata de nível de rua: para além da discricionariedade.** *Revista Brasileira de Políticas Públicas*. Recuperado em 10 fev. 2024, de <http://www.publicacoes.uniceub.br/RBPP/article/view/5143/37393#>

McCONNEL, P. B. **Cães são de marte – Donos são de vênus: como entender seu cão e fazê-lo feliz.** São Paulo. Prestígio, 2006.

MILLAN, C. **Cães educados, donos felizes.** Campinas. Verus, 2008.

MORAIS, I. F. R. (2014). **Os canídeos da Guarda Nacional Republicana – As características de personalidade e os testes de aferição adequados para o serviço policial na Guarda.** *A Cinotecnia – ACADEMIA MILITAR*. Recuperado em 13 mar. 2024, de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7342/1/GNR%20700%20Ivo%20Morais.pdf#page=23>

NASCIMENTO, F. E. M. (2022). **De carcereiro a policial penal: entre nomenclaturas, imagem social e atribuições.** *Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Recuperado em 10 fev. 2024, de <http://www.revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/46146>

Referencias:

RESOLUÇÃO SAP-170/2020. Recuperado em 09 mar. 2024, de https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2020%2fexecutivo%2520secao%2520i%2f outubro%2f09%2fpag_0011_61273159a a11942e79851dba4f01cc1c.pdf&pagina=11&data=09/10/2020&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100011

RESOLUÇÃO SAP-244/2008. Recuperado em 09 mar. 2024, de https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2008%2fexecutivo%2520secao%2520i%2f setembro%2f16%2fpag_0009_EI2O3LISQC3TNe9IB7UFF35I62L.pdf&pagina=9&data=16/09/2008&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100009

SANTANA, L. H.; BORBA, A. (2015). **Edward Chace Tolman e o uso da aprendizagem latente e do reforçamento como princípios explicativos.** *Acta Comportamental: revista Latina da Análisis de Comportamiento*. Recuperado em 20 mar. 2024, de <https://redalyc.org/pdf/2745/274538523008.pdf>

Secretaria da Administração Penitenciária. Governo do Estado de São Paulo. Recuperado em 28 fev. 2024, de <http://www.sap.sp.gov.br/sap-dados.html>

SIQUEIRA, K. C. L.; MARTINS, J. S.; AGNES, J. S. (2017). **“Cuidar de preso?!”: Os sentidos do trabalho para agentes penitenciários.** *Revista de Ciência da Administração*. Recuperado em 04 fev. 2024, de <http://www.redalyc.org/pdf/2735/273553871007.pdf>

SOARES, O. A. B. **Cães de guerra: os cães de emprego militar e policial no Brasil.**
Rio de Janeiro. Telha, 2021.

TAUSZ, B. **Adestramento sem castigo.** São Paulo. Nobel, 2002.